



CLEIA REGINA TORRES MARQUES SCHUSTER

**A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS INFANTIS EM
UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE PONTA
PORÃ/MS: OLHARES INVESTIGATIVOS A PARTIR DE UMA
SEQUÊNCIA DIDÁTICA**

PONTA PORÃ
2016

CLEIA REGINA TORRES MARQUES SCHUSTER

**A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS INFANTIS EM
UMA ESCOLA DA REDE PÚBLICA MUNICIPAL DE PONTA
PORÃ/MS: OLHARES INVESTIGATIVOS A PARTIR DE UMA
SEQUÊNCIA DIDÁTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora das Faculdades Magsul, como exigência parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia sob a orientação do Prof. Me. Jefferson Machado Barbosa.

PONTA PORÃ-MS

2016

CLEIA REGINA TORRES MARQUES SCHUSTER

**A IMPORTÂNCIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS INFANTIS EM
UMA ESCOLA PÚBLICA MUNICIPAL DE PONTA PORÃ/MS:
OLHARES INVESTIGATIVOS A PARTIR DE UMA SEQUÊNCIA
DIDÁTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora das Faculdades Magsul, como exigência parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia sob a orientação do Prof. Me. Jefferson Machado Barbosa.

Data de aprovação: 08 de julho de 2016

Local: Faculdades Magsul

Banca Examinadora:

Orientador: Professor Mestre Jefferson Machado Barbosa

Membro: Professora Mestra Emne Mourad Boufleur

Membro: Professora Especialista Lilian Garcia Mesquita Fiuza

Dedico a Deus, em primeiro lugar, a todos os meus professores, coordenadores e colegas de classe que me acompanharam durante essa trajetória, pois sem eles nada seria possível. Ao meu orientador, que sempre esteve disponível, orientando-me e direcionando minha pesquisa. E por fim, a minha família, em especial, a minha filha, que sempre foi meu suporte.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por me permitir chegar até aqui, a todos os meus professores que mediaram seus conhecimentos; aos meus colegas de classe que fizeram parte desse sonho, cada um buscando individualmente na coletividade os seus objetivos.

Agradeço ao Alessandro Lancini Schuster, por me mostrar que, apesar de todos os obstáculos colocados desde o início do curso até o final, não me fizeram desistir dos meus objetivos traçados, com toda a certeza não foi fácil, mas eu consegui!

Agradeço a minha filha, Rafaella Marques Schuster, pela compreensão em relação a minha ausência. Agradeço a minha família que foi um suporte, em especial a minha mãe, por cuidar tão bem da minha filha, para que eu pudesse realizar as leituras, escritas e encontros com meu orientador.

Agradeço, imensamente, ao meu orientador, mestre Jefferson Machado Barbosa, por mediar seus conhecimentos comigo, por estar presente o tempo todo me auxiliando e me encaminhando para o melhor caminho. Durante esse tempo em que estivemos juntos, pude aprender muito com ele!

E por fim, agradeço as Faculdades Magsul, por proporcionar à cidade de Ponta Porã/MS um excelente curso, com excelentes professores e uma coordenadora excepcional, mestra Emne Mourad Boufleur.

A todo/as que contribuíram de forma direta ou indireta, muito obrigada!

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo central apresentar e descrever a importância da contação de histórias no ambiente escolar, especificamente no contexto macro relativo à cidade de Ponta Porã – Mato Grosso do Sul. O âmbito micro para que a pesquisadora pudesse projetar o seu olhar investigativo foi pesquisa em uma escola municipal da rede pública, turma do Jardim II do turno vespertino. Ao que se refere à constituição dos dados, foram observadas 14 aulas da professora regente, aulas compreendidas, aqui, como Sequência Didática sobre contação de histórias. O olhar para esses dados se baseou no método qualitativo da Sequência Didática de cunho Interpretativista, proposta por Dolz; Noverraz e Schneuwly (2004). A teoria que norteia o estudo é ancorada principalmente nos postulados de Freire (2011) e Cagliari (2003). Dentre os resultados dessa investigação, nota-se que há, muitas vezes, um caráter mecânico e de repetição na prática docente de contação de histórias infantis no contexto interpretado.

Palavras-chave: Contação de histórias. Sequência Didática. Ensino.

ABSTRACT

This work was aimed to present and describe the importance of stories at school telling, specifically in the macro context relative to the city of Ponta Porã – Mato Grosso do Sul. The scope micro so that the researcher could design your investigative look was a municipal public school, II Garden class of the afternoon shift. Referred to the establishment of the data, 14 classes of conductor teacher were observed, understood lessons here as Didactic Sequence on storytelling. The look for this data is based on the qualitative method of Sequence imprint Didactic interpretativist proposed by Dolz; Noverraz e Schneuwly (2004). The theory that guides the study is mainly based on the postulates of Freire (2011) and Cagliari (1997). Among the results of this investigation, it is noted that there is often a mechanical character and repeat the teaching practice of children's storytelling in the interpreted context.

Keywords: Storytelling. Didactic sequence. Teaching.

LISTA DE FOTOS

Foto 01 – Carrinho da Leitura	20
Foto 02 – Biblioteca do Contexto de Pesquisa	21
Foto 03 – Pasta de leitura domiciliar	21

SUMÁRIO

CRAQUELADOS	
INTRODUTÓRIOS:.....	Erro! Indicador não definido..09
SESSÃO I –CONSTRUINDO O ARCABOUÇO TEÓRICO.....	10
1. A contação de história.....	10
2. A importância da contação de história no contexto escolar.....	13
3. A importância da sequência didática na educação infantil.....	14
SESSÃO II - PASSOS DE PESQUISA.....	16
1. Negociando o campo de pesquisa.....	17
2. Olhares investigativos sobre a realidade da escola selecionada.....	19
3. Passos de Pesquisa: A fotografia da Sequência Didática.....	22
SESSÃO III – ANÁLISE DE DADOS.....	25
1. Bases para análise.....	25
2. Análise de dados.....	25
CONSIDERAÇÕES GERAIS.....	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA.....	39

CRAQUELADOS INTRODUTÓRIOS¹

O meu contato com o Curso de Pedagogia, oferecido pelas Faculdades Magsul no município de Ponta Porã – MS me permitiu, dentre outros parâmetros, conectar o meu mundo, pois sou mãe, ao universo da contação de histórias infantis, uma vez que serei professora-pedagoga.

Esse laço que liga os dois universos me proporcionou conhecer mais sobre o ato de contar histórias e, conseqüentemente a ação de ler as palavras e o mundo.

Essa pesquisa se justifica pelo de tentar compreender, a partir da sequência didática, como é o fazer docente quando se trata de contação de histórias infantis. Para tanto, selecionamos uma escola municipal da cidade de Ponta Porã – MS, especificamente uma sala do Jardim II do turno vespertino para compreender, a partir da análise qualitativa interpretativista como é a prática pedagógica docente. Assim, traçamos como objetivo central apresentar e descrever a importância da contação de histórias no cenário educacional.

O estudo está estruturado da seguinte maneira: No capítulo I apresentamos brevemente alguns estudiosos que falam sobre a contação de história e de seu surgimento. Abordamos também sobre a importância da contação de histórias no contexto escolar, e como isso pode influenciar no processo de alfabetização dos alunos.

No capítulo II apresentamos os passos da pesquisa, como foi realizada a pesquisa, como era a escola, como eram os professores e alunos, quais são os projetos aplicados na escola, dentre outras informações apresentadas com base no olhar investigativo da presente pesquisadora.

Por fim, mas não limitando a equação do trabalho, apresentamos o capítulo III, constituído da análise de dados, por meio de 14 encontros realizados em uma escola municipal, *lócus* de pesquisa.

¹ Termo originalmente utilizado pelo professor mestre Jefferson Machado Barbosa. Compreende-se por tal designação a mestiçagem de pensamentos iniciais e finais, numa seção que requer considerações preliminares.

SESSÃO I – CONSTRUINDO O ARCABOUÇO TEÓRICO

1. A contação de história

De acordo com Coelho, a literatura infantil é, antes de tudo, ou melhor; é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização.(COELHO, 2013, p. 27).

A contação de histórias é uma arte que ajuda a transmitir, experiências, conhecimentos e valores através de histórias contadas mexendo com a imaginação e a curiosidade da criança.

Chegaram ao seu coração e à sua mente, na medida exata do seu entendimento, de sua capacidade emocional, porque continham esse elemento que a fascinava, despertava o seu interesse e curiosidade, isto é, o encantamento, o fantástico, o maravilhoso, o faz de conta (ABRAMOVICH, 1997, p. 37).

As histórias ouvidas pelas crianças mexem com sua imaginação despertando sua curiosidade e estimulando o seu raciocínio em relação a realidade e a ludicidade.

Segundo Mateus *et al* (2014, p.55), a contação de história surgiu bem antes da escrita, tudo o que acontecia era repassado através de contações de histórias. Aliado a esse pensamento de que a contação de história possui um caráter oral, de acordo com Meireles, por sua vez, registra que a tradição oral é uma pratica que é repassada de um indivíduo para o outro.

Segundo Meireles:

O ofício de contar histórias é remoto(...) e por ele se perpetua a literatura oral, comunicando de indivíduo a indivíduo e de povo a povo o que os homens através das idades, têm selecionado da sua experiência como mais indispensável a vida (MEIRELES, 1979, p.41).

Contar histórias pode ser vista, dentre outros parâmetros, como uma prática oral, que pode sofrer algumas modificações em relação à cultura de cada um. De acordo com Mateus *et al* (2014, 56). A contação de histórias é uma atividade fundamental que transmite conhecimentos e valores, sua

atuação é decisiva na formação e no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem.

No decorrer dos anos, segundo Zilberman (2003, p. 15): “Os primeiros livros para crianças foram produzidos no final do século XVIII, antes disso não se escrevia para elas, visto que não existia a infância”. Desse modo, a concepção de infância daquela época ao qual a autora se refere, principalmente, na passagem “não existia infância”, diferencia-se do conceito atual, visto que as crianças não tinham um tratamento diferenciado. Segundo Brenman a título de exemplificação, no passado a criança não era vista como criança, pois ela era considerada um adulto em miniatura.

O aprendizado desses “miniadultos” dava-se, principalmente, na prática de um ofício e na convivência social, convivência esta fundamental na vida medieval. Nesse período, a criança participava ativamente da vida social dos adultos, que não a excluíam de nenhum assunto (BRENMAN, 2012, p. 143).

Como a criança não tinha nenhum tratamento diferenciado em relação a sua idade e o único estímulo delas eram os adultos elas se comportavam e reagiam semelhante a eles.

Zilberman registra que:

[...] a concepção de uma faixa etária diferenciada, com interesses próprios e necessitando de uma formação específica, só acontece em meio à Idade Moderna. A mudança se deveu a outro acontecimento da época: a emergência de uma nova noção de família, centrada não mais em amplas relações de parentesco, mas num núcleo unicelular, preocupado em manter sua privacidade importância, (impedindo a intervenção dos parentes em seus negócios internos) e estimular o afeto entre seus membros. (...) Pequenos e grandes compartilhavam dos mesmos eventos, porém nenhum laço amoroso especial os aproximava. A nova valorização da infância gerou maior união familiar, mas igualmente meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e manipulação de suas emoções (ZILBERMAN, 2003, p.15).

Foi a partir da Idade Moderna que a criança passou a ser vista com outros olhares, e começou a se perceber que ela precisava de um tratamento e uma educação adequada para sua faixa etária. Foi onde os educadores da época começaram a criar uma nova literatura infantil.

Com essa mudança na educação da criança, foi possível que seus pais pudessem interagir mais e também ter um controle sobre seus filhos sobre o

que eles estavam aprendendo e de que maneira aquilo poderia influenciar na sua criação.

Zilberman (2003, p. 15) relata que “antes da constituição desse modelo familiar burguês, inexistia uma consideração especial para com a infância”, ou seja, adulto e criança era um só tratamento.

Com a reestruturação da família foi possível criar um tratamento diferenciado entre crianças e adultos, reconhecendo a infância e a ingenuidade da criança em relação ao mundo dos adultos.

Segundo Cunha (1987, p.19) Temos de distinguir dois tipos de crianças, com acesso a uma literatura muito diferente. A criança da nobreza, orientada por preceptores, lia geralmente os grandes clássicos, enquanto as crianças das classes desprivilegiadas liam ou ouviam as histórias de cavalaria, de aventuras.

Na verdade, o que existia na época, não eram dois tipos de crianças e sim o tratamento diferenciado em relação ao poder aquisitivo das famílias, logo quem tinha um poder aquisitivo melhor tinha acesso a uma educação de melhor qualidade e acesso aos melhores e mais diferenciados contos enquanto as crianças de menor poder aquisitivo ficavam por conta dos contadores de histórias.

Segundo Coelho:

O livro infantil é entendido como uma “mensagem” (comunicação) entre um autor-adulto (o que possui a experiência do real) e um leitor-criança (o que deve adquirir tal experiência) (COELHO, 2003, p.31).

Depreende-se da citação acima que é através do adulto e da contação de histórias que a criança se torna um aprendiz de tudo o que lhe é transmitido através das histórias. Ouvir contos incentiva a criança à prática da leitura, pois assim como ouvir as histórias é prazeroso ler, visto que também torna a criança reflexiva.

Segundo Cunha (1987, p.23) Apesar de ser sempre o adulto falar à criança, se ele for realmente artista, seu discurso abrirá horizontes, proporrá reflexão e recriação, estabelecerá a divergência, e não a convergência.

Cunha (op. cit) registra, ainda, que a criança deve ser livre para a sua criação e imaginação, e apesar de ser sempre um adulto a lhe contar histórias, não se deve prender-se aos livros, mas sim deixar a imaginação e a liberdade

de expressão livre para poder (re)criar e/ou (re)escrever o universo oral e escrito.

Por isso, contar histórias não é tarefa, pois requer uma sequência didática², e acima de tudo imaginação para poder mudar as histórias contadas.

2. A Importância da contação de história no contexto escolar

Conforme ponderação de Rodrigues (2005, p. 04), a contação de história é atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Sendo assim, ouvir histórias auxilia no desenvolvimento de emoções e na ampliação de seu repertório linguístico³, pois a criança consegue se envolver dentro da história contada.

Na contemporaneidade, com o advento da tecnologia na sociedade ocidental modificou muitas coisas, as crianças já não são mais as mesmas pois tem acesso a vários tipos de informações principalmente a tecnologia.

No passado a criança não era vista como criança era considerada um adulto em miniatura, era vestida semelhante e tratada como tal, não existia infância.

Os contos vêm sendo modificados, aproximando-se cada vez mais da realidade atual da criança. Contar histórias tornou-se uma forma de demonstrar sentimentos e emoções, é uma prática muito antiga que ao longo do tempo veio se transformando e adaptando-se a realidade atual.

Ouvir histórias instiga a fantasia e liberta emoções, pois mexe com a imaginação e o mundo de faz de conta da criança.

Segundo Rodrigues (2005, p. 04):

A contação de histórias é a atividade própria de incentivo à imaginação e o trânsito entre o fictício e o real. Ao preparar uma história para ser contada, tomamos a experiência do narrador e de cada personagem como nossa e ampliamos nossa experiência vivencial por meio da narrativa do autor. Os fatos, as cenas e os contextos são do plano do imaginário, mas os sentimentos e as emoções, transcendem a ficção e se materializam na vida real (RODRIGUES, 2005, p.04).

² Falaremos mais a frente sobre a Sequência Didática.

³ Entendemos por “repertório linguístico” o conjunto de unidades lexicais orais e escritas.

As histórias contadas aos alunos auxiliam no processo de ensino aprendizagem despertando na criança o interesse pelos livros e pela leitura. Através de histórias podemos narrar fatos que aconteceram no passado, transmitindo esses fatos de maneira natural.

A criança aprende a ouvir histórias desde pequenas, geralmente são contadas pelo seus avós que contaram para seus pais e assim vai se passando esses contos de geração para geração.

Na escola o professor utiliza a técnica de contar história para distrair e chamar a atenção dos alunos.

3. A Importância da Sequência Didática (SD) na educação infantil

Segundo Barbosa (2011, p.70) a sequência didática, doravante SD, é um procedimento de ensino que cria condições favoráveis ao desenvolvimento da leitura e da escrita.

A SD leva o aluno à prática reflexiva sobre o conteúdo direcionado a ele, faz-se importante no planejamento e na organização do professor, pois é a partir dessa sequência que vai dando o direcionamento das aulas a serem aplicadas.

De acordo com Dolz; Noverraz e Schneuwly (2004, p. 97) “uma sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”.

Desse modo, todo conteúdo deve seguir uma SD, pois é essa sequência que vai dar base para o professor aplicar seus conteúdos. A sequência didática auxilia tanto o professor quanto ao aluno, pois é através dela que o professor consegue perceber o nível de aprendizagem de cada um e projetar suas aulas, tornando-as mais dinâmicas.

Além disso, quando se tem em prática uma sequência didática a seguir, o professor consegue administrar de melhor forma sua matéria e repassar para seus alunos os conteúdos a serem reproduzidos.

Dolz, Noverraz e Schnuewly (2004, p.98), por sua vez, registram que “criaram uma sequência didática que se constitui por quatro etapas: apresentação da situação, produção inicial, módulos e produção final”.

De acordo com a primeira etapa, citada pelos autores, a apresentação da situação seria a introdução do conteúdo a ser trabalhado, ou seja: o que vai ser trabalhado, o que esse conteúdo poderá favorecer ao aluno, quais tipos de conhecimentos serão agregados a sua vida e qual a forma de distribuição das atividades.

Já na segunda etapa, na produção inicial, tanto o professor quanto o aluno já vão saber direcionar o conteúdo dado, sabendo sua importância e qual direcionamento que cada um seguirá.

Na terceira etapa, os módulos, que serão as atividades distribuídas, segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly:

Em cada módulo, é muito importante propor atividades as mais diversificadas possíveis, dando, assim, a cada aluno a possibilidade de ter acesso, por diferentes vias, às noções e aos instrumentos, aumentando, desse modo, suas chances de sucesso (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2004, p.105).

Os módulos possibilitam tanto o professor quanto ao aluno a explorar das mais diversas formas o texto trabalhado, quanto mais detalhado for a exploração mais enriquecedor vai se tornar o ensino aprendizagem.

Na conotação de histórias é de fundamental importância o professor ter sua sequência didática e seguir essas etapas que os autores mencionados anteriormente citam.

O professor ao introduzir diversos tipos de gêneros textuais aos seus alunos ele estará estimulando na criança o interesse pelos livros e pela prática da leitura através de contos.

Segundo Freire:

Na etapa da alfabetização, o que se pretende não é ainda uma compreensão profunda da realidade de que se está analisando, mas desenvolver aquela posição curiosa referida acima; estimular a capacidade crítica dos alfabetizados enquanto sujeitos do conhecimento, desafiados pelo objeto a ser conhecido (FREIRE, 2011, p.58).

Sendo assim, é nessa fase de alfabetização que o professor consegue, através da contação de histórias, estimular a criança de maneira prazerosa, além da prática da reflexão pedagógica.

De acordo com Araújo (2013, p.325), acreditamos que o ensino de um gênero, seja escrito ou oral, implica na realização de procedimentos, atividades

e exercícios sistemáticos que envolvem esses três componentes do ensino da língua: leitura, análise linguística e produção. Focaremos, nesse estudo, na etapa de leitura, conforme de apresentará mais a frente a teoria que norteia o estudo.

Nessa fase de conhecimento e alfabetização do aluno, o ensino dos gêneros textuais pode ser iniciado pela oralidade, ou seja, pela contação de histórias. Os contos são uma maneira de distrair a criança chamando sua atenção através da oralidade, pela entonação da voz.

SESSÃO II - PASSOS DE PESQUISA

O presente capítulo tem como objetivo principal expandir os passos de minha pesquisa. Embasados no relato de pesquisa de campo, Barbosa (2015) ressalta que é fundamental que o pesquisador descreva os caminhos da pesquisa de forma minuciosa, isso configura o comprometimento com a investigação. Para tanto, passo a descrever detalhadamente, a seguir, em primeira pessoa, os caminhos que tomei para realizar a investigação.

1. Negociando o campo de pesquisa

De acordo com Barbosa (2015, p. 81) o processo de negociação do campo de pesquisa envolve principalmente uma “teia de sujeitos”. Segundo o autor, tal termo “é entendido, neste trabalho, como uma ligação de pessoas do meio social de etnias distintas, no caso, brasiguaios, paraguaios e indígenas, que se entrecruzam e se significam na relação social”. Desse modo, é fundamental ressaltar a minha investigação, pensando num contexto macro, foi realizada numa região de fronteira, designada por Barbosa (2015) como um contexto complexo, por conta de ser um âmbito de diversidade e diferenças.

Com base nessas premissas iniciais de contexto macro, no dia 11 de abril do ano de 2016, iniciei, oficialmente⁴, minha pesquisa cuja temática se baseou em A Arte de contar histórias na educação infantil. No primeiro momento, procurei a coordenadora do Curso de Pedagogia do Magsul. Tão logo ela me direcionou para o professor orientador desta pesquisa que, no momento, estava desenvolvendo um Projeto de Extensão denominado “A arte de contar histórias no âmbito educacional” com os alunos do 1º semestre de Pedagogia. O contrato entre mim e o docente orientador fora firmado imediatamente, visto que me identifiquei com a temática estudada por ele.

⁴ A presente pesquisa já fora iniciada em 2015 sob a orientação de outra professora, que por questões de ética e sigilo não citarei nome. Entretanto, é importante registrar que venho lendo sobre a pesquisa desde o ano de 2015.

Dessa maneira, conforme orientações do professor, realizei o processo de sondagem, que se constituiu em realizar visitas para verificar qual seria a escola onde eu realizaria minha pesquisa. Assim, visitei três escolas situadas no município de Ponta Porã/Mato Grosso do Sul (MS), uma estadual e duas municipais. É importante registrar o fato de as escolas estarem posicionada geograficamente muito próximas uma da outra.

Interessante registrar, também, que as escolas que visitei eu já as conhecia, pois ao longo do Curso de Pedagogia, realizado na Magsul, tive a oportunidade de estagiar nessas instituições de ensino. Entretanto, uma escola, em especial, chamou-me a atenção, visto que no ano de 2015 foi feito um projeto sobre “Contos da Literatura Infantil”, envolvendo desde o jardim ao nono ano.

A respeito do Projeto, que se constituía como interdisciplinar, funcionava da seguinte maneira: cada ano/série selecionava um conto diferente, e todas as matérias, inclusive a matemática, era trabalhada em cima dessa história. Assim, o planejamento do professor era inteiramente ligado ao conto previamente selecionado, configurando, então, um diálogo das matérias com o conto selecionado. A história era trabalhada de diversas maneiras e sempre ligada à atual realidade vivenciada pelos alunos. O fechamento do projeto, no meio do ano de 2015, houve uma feira para expor os trabalhos feitos de cada sala.

Nessa perspectiva, posso ressaltar que esse projeto também me motivou a caminhar pelas trilhas da contação de histórias. Além disso, como escolhi o tema “A arte de contar histórias na educação infantil”, optei por esta escola municipal⁵, pois foi a única que, a meu ver, explorou de maneira diferente os contos e a contação de histórias, com pesquisas, desenvolvimento de leituras, a exploração do teatro, a ludicidade e a imaginação dos alunos.

⁵ Por uma questão de ética e sigilo, optamos, pesquisador e orientanda, por não mencionar o nome da escola.

2. Olhares investigativos sobre a realidade da escola selecionada

Nas minhas percepções, na qualidade de pesquisadora, pude perceber significativa quantidade de alunos oriundos do país vizinho, Departamento *Pedro Juan Caballero*, Paraguai. Segundo Barbosa (2012, p.16):

O Estado de Mato Grosso do Sul possui uma divisão geográfica com o país vizinho Paraguai. Todavia, as culturas dos povos brasileiro, paraguaio e indígena, povos estes que habitam essa região fronteiriça, se mescla em diversas maneiras: sociais, culturais, econômicas, religiosas, simbólicas, políticas e assim sucessivamente.

Corroborando com o autor, essas mesclas constituem, dentre outros parâmetros, uma miscigenação de culturas dentro da sala de aula, resultando no multiculturalismo. De acordo com Josgrilbert e Boufleur (2012, p.01):

A região de fronteira precisa ser considerada não como uma linha que separa dois países, mas como uma região de integração, que precisa ser solidificada a partir de relações existentes, de conflitos e negociações em todos os aspectos, considerando as dimensões culturais, científicas e tecnológicas.

Conforme se observa na ponderação Josgrilbert e Boufleur (op. cit) Na região de fronteira há uma necessidade de que a educação seja mais intercultural, pois há uma grande variedade de culturas que se entrelaçam.

Com base nas observações realizadas durante as visitas na escola, pude observar que alunos são frequentes, ou seja, faltam pouco na escola. Ao que se refere à sala de aula, nota-se que é espaçosa e arejada. Entretanto, as carteiras não são adaptadas para as crianças. A professora segue uma rotina em suas aulas, com músicas, leitura oral coletiva do alfabeto (vogais e números). Ela trabalha, ainda, com a coordenação motora das crianças por meio da utilização de massa de modelar.

Na escola, existe um carrinho de supermercado, todo decorado com muitos livros infantis dentro. É importante ressaltar que a ideia desse carrinho surgiu no Projeto de Contos, outrora relatado.



Foto 01. Carrinho da leitura. Fonte: Celia Regina Torres Marques Chuster.

Dentre os objetivos desse “carrinho da leitura”, nota-se que, dentre outros parâmetros, é criar uma aula diferente, em que os livros chegassem até os alunos, minimizando a fronteira entre os livros e os alunos. Além disso, a ideia é incentivar e promover a leitura dentro do âmbito escolar.

Uma vez na semana ou mais a professora traz esse carrinho até a sala de aula, deixando-o no meio. O momento é importante, pois possibilita ao aluno o contato com os livros e a seleção das obras a serem lidas. E incrível como eles ficam fascinados no momento do manuseio e percepção dos livros, pois mesmo sem saber ler, eles usam a imaginação.

Para Freire (2011, p.29) A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta segunda implica a continuidade da leitura daquela primeira. A criança tendo a leitura de mundo (Freire) consegue identificar objetos, por meio das ilustrações, o mesmo acontece quando ela manuseia um livro, ela usa a sua imaginação através das ilustrações e monta sua história independente do texto.

Ainda durante minhas percepções, pude verificar que a escola possui uma biblioteca na qual é bastante utilizada pelos alunos.



Foto 02. Biblioteca da Escola Municipal onde se realizou a pesquisa. Fonte: Celia Regina Torres Marques Chuster.

O Projeto Contos esse ano não foi realizado, porém foi criado outro Projeto denominado: Maleta da Leitura. Trata-se de várias pastas com livro dentro. Toda sexta-feira, os alunos levam essa maleta para casa, para que seus pais possam ler para eles, e também para que eles mesmos possam manusear o livro.



Foto 03. Pasta da leitura domiciliar. Fonte: Celia Regina Torres Marques Chuster.

Com esse projeto, o professor consegue fazer com que os pais participem da leitura junto com seus filhos e ao mesmo tempo estimula no aluno a prática da leitura.

Em sala de aula é feito o debate sobre a leitura, sobre o que cada um entendeu, o que mais chamou a atenção na história, que leu para eles o livro, enfim é feito todo um debate sobre o assunto.

No dia em que é comemorado o dia do livro, foi feito na escola um dia especial muito estimulante para os alunos, foi feito teatros baseado em contos infantis com direito a cenário e tudo mais, uma biblioteca ao ar livre com a participação do carrinho da leitura, cinema com desenhos relacionado aos contos dos livros.

3. Passos de Pesquisa: A fotografia da Sequência Didática

No dia 11 de abril iniciei a pesquisa numa escola da rede pública municipal da fronteira internacional de Ponta Porã/Brasil com Pedro Juan Caballero/Paraguai. Selecionei esse contexto de pesquisa por já ser familiar a ele e por ter uma relação considerada expressiva com a professora titular do Jardim (II), no período vespertino. Esse recorte de pesquisa se justifica pelo fato da pesquisadora possuir apenas nesse horário para realização da pesquisa e ter uma relação boa com a escola e com a professora regente do Jardim II. Como se trata de uma pesquisa interpretativista de observação da Sequência Didática, doravante SD, da professora, o fato de estar familiarizado ao contexto de pesquisa contribuiu para a naturalização no processo de geração de dados. (Observação da sequência didática e anotações no caderno de pesquisa).

Nesse mesmo dia o qual iniciei minha pesquisa pude perceber que a sala contém vinte e cinco alunos frequentes, alguns oriundos de *Pedro Juan Caballero*. Isso configura pensar no multiculturalismo presente dentro do âmbito escolar.

A professora regente da sala de aula, embora sempre muito atenciosa com os seus alunos, tem sua experiência pedagógica no berçário. De acordo

com anotações realizadas no caderno de campo, este é o primeiro ano de docência no Jardim II. Desse modo, a docente demonstrou preocupação com a sua maneira de ensino, pois a faixa de alunos é diferente do que, até então, ela havia trabalhado. Além disso, é importante considerar que os alunos estão em fase de alfabetização, com isso as brincadeiras já são menos frequentes, visto que o Jardim II possui conteúdos teóricos, alfabetos e números, a cumprir.

Diante dessa realidade, a contação de histórias foi uma maneira que a professora criou para poder ensinar de uma forma prazerosa e também se tornou, após cada história contada, um momento de reflexão, pois ela realizava o processo de mediação com as crianças, ouvindo-as.

A pesquisa se constituiu em quatorze dias. Assim, pude observar as aulas da professora regente, por meio de uma SD. O olhar de pesquisadora me proporcionou verificar que a docente iniciava a sua aula com oração, logo, dava prosseguimento aos conteúdos, segundo seu planejamento. Em seguida, a professora dava início a sua roda de histórias.

Em todos esses dias foram apresentadas e contadas quatorze histórias Infantis pequenas. Essa sequência de histórias que configurou a nossa SD. De acordo com fala informal com entre pesquisadora e professor, verifica-se que a professora acredita que com a contação de histórias os alunos conseguem aprender mais e futuramente, conforme o amadurecimento dos alunos, ela trabalhará os contos, agregando o seu conteúdo, em especial, o alfabeto. Aliando, assim, o conteúdo e a história.

Pude notar, também, que dificilmente faltava mais que três alunos por dia, e sempre que faltava alguém, era de maneira alternada. Dessa forma, a sala de aula não tem nenhum aluno ausente assíduo, o que é muito bom para o ensino e aprendizagem das crianças.

Todos os dias em que visitei a escola, fui sempre muito bem recebida, tanto pela professora quanto pelos alunos. Conforme foi passando os dias, já estava me sentindo parte da turminha deles, pois parte do meu dia estava dedicado ao meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do qual eles também faziam parte.

A pesquisa em *lócus* foi realizada no Jardim II, numa escola da rede municipal da fronteira internacional de Ponta Porã/Brasil com Pedro Juan

Caballero/Paraguai. Ao que se refere ao período, realizou-se no turno vespertino.

Fui muito bem recepcionada, visto que a professora já me conhecia e os alunos também, nesse retorno pude observar que a sala de aula continuava com os alunos frequentes, um ou outro alternadamente faltava.

Apesar de ser uma sala numerosa, a professora não tem uma auxiliar, as crianças são bastante espertas e independentes, isso ajuda muito no decorrer da aula, pois são muito participativas em aula.

SESSÃO III – ANÁLISE DE DADOS

1. Bases para análise

Neste momento, continuo me posicionando em primeira pessoa para melhor observação dos dados da pesquisa, visto que o olhar de pesquisadora norteia toda a análise de dados, por meio do olhar interpretativista. É fundamental destacar, ainda, que associo o olhar investigativo com a teoria exposta nos capítulos anteriores, a partir da fotografia de uma Sequência Didática (SD) sobre a contação de histórias.

2. Análise de dados

Após realizar a revisão literária de livros e artigos sobre a importância da contação de histórias no âmbito educacional, com foco na educação infantil, e sobre a SD, muito utilizada em sala de aula. Logo, o arcabouço teórico desse estudo frisa que cada professor tem a sua metodologia pedagógica dividida em sequências, sequência didática, doravante SD.

Ao compreender essa realidade teórica e prática que se efetiva em sala de aula, retomei minha pesquisa de campo para poder aprofundar meus conhecimentos adquirido nos livros e artigos, que ainda estão em processo.

O fato de a professora regente já me conhecer contribuiu de forma expressiva para a naturalização dos dados. Isso também teve como consequência uma afetividade significativa dos alunos, configurando uma relação harmoniosa.

Antes de apresentar a minha percepção fotográfica com relação à SD utilizada pela professora, é importante destacar que a professora possui 26 anos e leciona há seis anos.

A primeira percepção que tive a respeito da relação da professora regente com a prática de contação de histórias na alfabetização foi numa conversa informal, em que ela me relatou da importância ensinar através dos contos, pois os alunos estão na fase de alfabetização e da leitura de mundo,

aquela leitura da percepção, do cheiro, do gosto, do olhar, conforme se pode observar na categorização postulada por Freire (1996).

Outro olhar que pude perceber da docente, também em conversa informal, é referente ao fato de ensinar a convivência através da contação de histórias, especialmente contos, é algo que chama a atenção das crianças, pois relaciona o mundo do “faz de conta”⁶ com a realidade.

Durante a SD sobre a contação de histórias, pude perceber que a introdução desse conjunto de atividades pedagógicas (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2004), a professora programou um livro intitulado “O Encantado Mundo dos Contos de Fadas”⁷, de autoria de... Ao decorrer da exposição da docente, notei que as crianças se identificaram com os personagens da história (as princesas e os príncipes), proporcionado, assim, vida a cada um deles. Esse fato dialoga com a leitura de mundo proposta por Freire (1996), quando a percepção, no caso os personagens, antecede a escrita.

Ao direcionar meu olhar de pesquisadora para o livro, especificamente, os Contos, selecionado pela professora, pude perceber que são histórias extensas, mas com bastante ilustração, o que contribui para o desenvolvimento da “leitura da realidade” (CAGLIARI, 2003) da criança, visto que as imagens contribuem para a construção da história. O livro também possuía um tamanho expressivo, o que auxiliou a prender os olhares das crianças durante a contação de história.

Ao dar início a sua aula, a professora seguia todo seu planejamento do dia com seus conteúdos. Após o intervalo, quando as crianças adentravam dentro da sala eufóricas de tanto correr e brincar, a docente já começava a organizar os alunos para a sua contação de histórias.

Em seguida, a professora colocou todos os alunos sentados no chão a sua frente. Pude verificar que os alunos ficaram bem empolgados com a capa

⁶ Compreende-se por “mundo do faz de conta”, aquele universo encantado, que geralmente não acontece na realidade.

⁷ É um livro que traz quatorze dos melhores contos de fadas como: A Princesa e a Ervilha, A Bela Adormecida, O Soldadinho de Chumbo, João e o Pé de Feijão, Cinderela, Polegarzinha, Chapeuzinho Vermelho, A Pequena Sereia, Rapunzel, Branca de Neve, O patinho Feio, As Roupas Novas do Imperador, A Pequena Vendedora de Fósforos, Cachinhos Dourados e os Três Ursos.

do livro apresentada pela professora. Além do mais, o modo como a professora ia apresentando a narrativa (personagens e o enredo) auxiliou muito para despertar curiosidades nos alunos, tanto que os alunos disputavam o posto de ser ajudante da professora para segurar o livro. Essa relação é muito importante, pois Freire (1996) reitera a ideia de que a “leitura de mundo”, ser antecede à “leitura da palavra”. Desse modo, na prática pedagógica, em especial na SD de contação de história, é interessante que o aluno tenha prazer por uma “leitura de mundo”, no caso dos alunos, ao lerem a capa do livro. Isso vai auxiliar para que o aluno aprenda a gostar, posteriormente, pela “leitura da palavra”.

Antes de começar a contar história, a professora apresentou o livro para as crianças, desde a capa, as ilustrações e relatou sobre cada conto que havia dentro daquele livro. A docente ainda relatou que havia ganhado de uma amiga.

A fala da professora evidencia pensar que ela constrói um discurso direcionado para a nítida importância da contação de histórias no âmbito escolar. Nesse sentido, essa atitude da docente dialoga com o que propõe Rodrigues (2005), ao ressaltar que é fundamental que a contação de história seja vista como algo pertinente dentro do âmbito educacional, pois auxilia na maximização da imaginação da criança.

Desse modo, através dos contos infantis, além de ampliar o vocabulário, realizar uma leitura de mundo, dentre outros fatores, os alunos podem aprender que cada história traz uma lição de vida.

Em seguida, a professora explicou a importância da leitura dos livros, isso evidencia pensar como a docente está introduzindo a imagem do livro às crianças, já mostrando na SD, o quanto o livro é importante. Além disso, a professora registrou, conforme anotações registradas no caderno de pesquisa do presente pesquisador, que através da leitura dos livros podemos viajar e conhecer vários lugares, sem sair de casa. Isso, além de reiterar o papel importante da contação de histórias na alfabetização, conforme se verifica em Coelho (2003), ao compreender o livro infantil como uma “mensagem” cujo objetivo é o processo comunicativo, no qual, muitas vezes, configura-se numa comunicação entre o autor-adulto com a criança.

Rodrigues (2005), por sua vez, contribui para a ampliação dessa reflexão sobre a importância que a professora deu, durante a SD sobre contação de histórias, para o livro enquanto objeto de estudo, de leitura(s), significativo e/ou de valor, quando registra que o contato da criança com o objeto, contribui para o incentivo à imaginação e é, em grande medida, a ponte entre o universo fictício e o real.

O livro, enquanto objeto de valor, pode configurar, ainda, como um processo de “leitura da realidade” (CAGLIARI, 2003) ou “uma leitura de mundo” (FREIRE, 1996).

Dando prosseguimento à aula, a professora iniciou a narração oral, com o auxílio do livro, da primeira história denominada de “A Princesa e a Ervilha”. Inicialmente, pude notar na fala da professora que as crianças ficaram felizes com história. Isso configura refletir, dentre outros olhares investigativos, que a construção do personagem foi realizada pela professora, durante a contação da narrativa, de forma pertinente, de modo a prender a atenção das crianças.

Além do mais, conforme fala da docente, e de acordo com registros no caderno do pesquisador, as crianças adoram ouvir histórias que envolvem personagens caracterizados como princesas, visto que cada criança, ao incorporar o personagem, sente-se uma princesa e é essa, também, a intenção de quem conta histórias. É fazer, dentre outros parâmetros, com que o ouvinte (a criança neste caso) incorpore o personagem e, conseqüentemente o enredo, realizando, assim, uma viagem pelo mundo da imaginação.

Essa história relata sobre um príncipe que rodava o mundo a procura de sua princesa a qual deveria ser delicada e sensível. Nesse momento da SD, a professora perguntou às alunas o que elas achavam sobre a questão: O que é ser delicada? O que é ser sensível. Notou-se que as respostas foram diversas, mas a predominância de resposta das alunas foi direcionada para o fato de a menina ser delicada porque a menina sempre é mais boazinha que os meninos.

Assim, não tecendo elucidações sobre o contexto de binarismo, isto é, a relação de construção de identidade da menina e do menino, percebe-se que durante a SD, a professora se apropria de recursos para dialogar com os alunos, enquanto narra à história, como se nota nos questionamentos.

O que pude perceber, ainda, ao ouvir a professora narrando a história durante a SD se refere ao fato da docente se envolver no enredo da história. Desse modo, cada conto deve de alguma maneira ajudar no desenvolvimento da criança, pois quando se tem um aprendizado significativo o aluno absorve com maior facilidade.

Ao realizar a leitura oral de outro conto clássico, “A Bela Adormecida”, pude verificar que a professora selecionou uma narrativa com bastante ilustrações, o que chamou muito a atenção das crianças. Histórias que trazem personagens como: fadas, príncipes, reis e rainhas são narrativas que, em sua maioria, são bem aceitas pelos alunos. Assim, a docente pensou, ao preparar sua SD sobre contação de histórias, no interlocutor, no caso os alunos. Além disso, projetar o olhar para o aluno é um processo sensível e evidencia pensar que o docente se preocupa com o interlocutor, com o entendimento e com o envolvimento do mesmo com a história.

O olhar de pesquisadora evidenciou observar que o conto da “Bela Adormecida” impressionou muito os alunos, e eles ficaram muito empolgados, a história relata a vida de uma pequena princesa, que foi amaldiçoada por uma fada muito má, porém ainda existia uma fada muito boa que não podia quebrar o feitiço lançado sobre a princesa Pérola, mas para salvá-la da morte, ela disse que a princesa somente iria adormecer profundamente se caso ela espetasse o dedo com uma agulha e sua salvação seria um amor verdadeiro.

Nota-se que a história selecionada pela docente é interessante no sentido de relacionarmos com as nossas práticas sociais, uma vez que podemos enxergar os dois universos, porém a professora deu maior ênfase nos pontos positivos da história.

Dando continuidade na SD, após narrar oralmente à história infantil, na aula seguinte, a professora passou um filme sobre “A Bela Adormecida” que, em grande medida, dialogou com a narrativa apresentada na aula anterior, visto que os alunos viram os personagens, realizando também uma comparação durante todo esse processo visual, ou conforme Freire (1996) “leitura de mundo”, compreendida por Cagliari (2003) “leitura da realidade”.

Em conversa informal, entre pesquisadora e professora regente, pode-se verificar que a docente compreende o desenho como uma ferramenta

pedagógica importante no processo de alfabetização, visto que ele consegue prender muito a atenção das crianças pelas imagens e sons, porém se não utilizado de maneira equilibrada, torna-se mecânico, o que também configura na ausência de outras atividades como, por exemplo, a leitura do livro, atividade outrora realizada pela professora.

Na visão da professora, os desenhos devem ser apenas um complemento a mais para se contar histórias, pois a criança, ao ouvir um conto, permite que sua imaginação crie cenas de como seria a história, apesar do conto ser o mesmo, cada aluno (re)produz em sua memória de modo diferente.

Interessante essa postura da professora de entender que, dentro de uma SD, o vídeo funciona como uma extensão da história contada de forma oral com o auxílio do livro. Isso evidencia pensar, dentre outros parâmetros, que essa relação, aluno, livro e, posteriormente o vídeo, são atividades pedagógicas que se encaixam dentro do que propõe Freire (1996), ao pensar em “leitura da palavra mundo” como a relação entre as palavras com a realidade.

Dando sequência na SD sobre contação de histórias, a professora selecionou outro conto, denominado de “Soldadinho de Chumbo”. Durante a percepção da pesquisadora para/com o contexto de aplicação da SD, notou-se que essa narrativa chamou mais a atenção dos meninos, talvez por possuir um personagem homem, caracterizado com um soldado.

O conto fala de um menino que ganhará soldadinhos de chumbo para o seu aniversário. Havia na coleção dele vinte e cinco soldados, mas um era diferente, pois não possuía uma das pernas, mas parava de pé igual aos outros. Durante a noite, os brinquedos ganhavam vida própria e se reuniam para brincar. Num belo dia, o soldadinho de chumbo conheceu uma pequena bailarina que dançava com uma perna só, assim, ele se apaixonou por ela e ficou admirado que ela também conseguisse se equilibrar com uma perna só.

Ao selecionar essa narrativa, percebe-se que a docente já está colocando em pauta uma escola com diversidade. A seleção do conto foi positiva, uma vez que retratar aspectos de acessibilidade na educação infantil é fundamental para promover uma geração preocupada com as questões sociais,

muitas vezes, invisibilizadas, como é o caso de pessoas com necessidades especiais.

Ao continuar a SD sobre contação de histórias, a narrativa selecionada pela professora foi “João e o Pé de Feijão”. Esse conto fala de um menino que vendeu a única vaca da sua mãe a troco de cinco feijões mágicos, quando chegou a casa com os feijões, sua mãe, muito brava, jogou fora pela janela. Logo, a mãe de João ficou muito triste, pois a vaca era o único sustento da casa. Ao amanhecer, João se deparou com um gigantesco pé de feijão que ia além das nuvens, impressionado e curioso, resolveu subir para ver o que havia lá em cima, ao chegar lá, deparou-se com um gigante que gostava de comer pessoas.

Entretanto, o que João não sabia era que o gigante possuía uma galinha que botava ovos de ouro, quando descobriu, João resolveu roubar a galinha para sua mãe, o gigante com muita raiva resolveu descer pelo pé de feijão, mas antes que chegasse a terra, João cortou o pé de feijão. Por fim, João e sua mãe viveram muito felizes vendendo os ovos de ouro que a galinha botava.

Nota-se que essa história é bem pertinente, visto que existe muitas coisas imaginadas e criadas para impressionar o ouvinte, como o gigante e a galinha dos ovos de ouro, isso contribui para que a “leitura de mundo” (FREIRE, 1996) seja mais atenta e prenda a atenção dos alunos.

Como parte de uma SD sobre contação de histórias, talvez não seja uma narrativa com enredo significativo, como a anteriormente apresentada. Além do mais, o momento em que João rouba a galinha que bota ovos de ouro, evidencia pensar que essa é um fato comum. A professora, em nenhum momento, ressalta que essa atividade de “roubar” é um ato que não deve ser feito.

A história da Cinderela foi outra narrativa que compôs a SD sobre contação de histórias. A narrativa, previamente selecionada pela professora regente, fala de uma jovem órfã de mãe que é muito maltratada por sua madrasta e por suas filhas. Esse conto é um dos mais admirados pelas meninas, uma vez que a maioria das alunas sonha em ser a cinderela, conseqüentemente ter um vestido igual, um cabelo parecido, uma história semelhante, dentre outros fatores.

Como parte de uma SD, nota-se que a história é importante, pois retrata, dentre outros parâmetros, uma jovem, que apesar de órfã, é feliz. Alimenta, ainda, o gosto pelo sonho. O fato de que sonhar é fundamental.

Em seguida, a professora trabalhou em sala o desenho da cinderela. Notou-se que os alunos adoraram o vídeo, pois trabalha com muitos efeitos, cores, musicalidade e outros fatores. Esses recursos auxiliam na “leitura de mundo” (FREIRE, 1996). Além disso, associar uma órfã que se torna uma princesa contribui para entender a “leitura da realidade” (CAGLIARI, 2003).

A história seguinte, trabalhada em sala, é intitulada de “Polegarzinha”. É o nome dado a uma pequena menina que nasceu de uma semente, apesar de ser muito pequenina, tinha um coração enorme e muitos amigos que sempre lhe ajudaram a passar pelas dificuldades encontradas. Essa história, os alunos se interessaram muito, pois poucos tinham ouvido falar de Polegarzinha.

Analisando dentro da SD sobre contação de histórias, verifica-se que ao selecionar a história, a professora regente se preocupou em trazer contos desconhecidos pelos alunos, mas antes de selecionar essas histórias, a docente preparou a “leitura de mundo” dos alunos com histórias já conhecidas. Outro aspecto importante a destacar é relativo ao interesse da professora regente, ao propor essa história, em despertar a curiosidade dos alunos.

Durante a contação oral do conto, a professora regente fez questão de realçar a importância do conto no sentido de ajudar as pessoas, cultivando amizades, pois Polegarzinha sempre soube cuidar de sua relação com seus amigos. Desse modo, sempre que ela precisava de seus amigos, sempre era muito bem recepcionada, pois o laço afetivo de amizade era de harmonia.

Outro conto selecionado pela professora foi “Chapeuzinho Vermelho”. A história a vida de menina que gostava de passear pela floresta para visitar sua vovozinha. Num belo dia Chapeuzinho encontrou um lobo, que era muito mau, que não a atacou porque por perto estava um velho lenhador.

Logo, o lobo pensou muito em um plano para poder pegar a Chapeuzinho vermelho, quando teve a ideia de tirar sua avó da casa e se disfarçou de vovozinha para poder pegar a cesta que Chapeuzinho estava levando para sua vovó. O lobo, esperto, chegou à casa da vovozinha, tirou-a de lá e se disfarçou de Vovozinha. No entanto, o plano do lobo não deu certo,

pois Chapeuzinho desconfiou de sua voz, sua boca, seus dentes e até mesmo da sua orelha que era muito grande.

Em seguida, ao desconfiar, Chapeuzinho começou a gritar pedindo socorro a sua vovozinha, que chamou o lenhador para salvar sua neta do Lobo mau, que saiu correndo e nunca mais voltou.

Durante o processo de narração da história, através da oralidade e com o auxílio do livro, a professora regente colocou seu capuz vermelho e pegou sua cesta de piquenique. Então, ao invés de tirar guloseimas de dentro da cesta retirou seu livro de contar histórias. Nota-se a preocupação da docente, dentro da SD, em se caracterizar de modo que cada história seja contada de maneira diferente, de modo a mostrar aos alunos os diversos olhares de ler o mundo, por meio da “leitura de mundo” (FREIRE, 1996) e a “leitura da realidade” (CAGLIARI, 2003).

Ao prosseguir a SD, a professora passou o desenho da Chapeuzinho Vermelho para as crianças. O olhar de pesquisador evidenciou levantar hipóteses de que todos os alunos já tinham certa familiaridade com a história e, conseqüentemente com a personagem. Sabe-se que há outras histórias que dialogam com essa como, por exemplo, a do Chapeuzinho Amarelo. Talvez se a docente investisse numa história que dialogasse com a narrativa já conhecida pelos alunos seria um trabalho de maior ampliação do repertório linguístico.

E da “floresta”, a professora partiu para o “fundo do mar”, em busca das aventuras da “Pequena Sereia”, outra narrativa previamente selecionada e que fez parte da SD sobre contação de histórias. Em síntese, porém não limitando a narrativa, a história destaca que havia no fundo do mar um rei com seis filhas, todas as sereias eram dona de uma beleza sem igual, mas a caçula era a mais linda de todas e também a mais travessa, pois gostava de se aventurar pelo oceano.

Ariel era muito travessa e gostava de avistar a terra, todos os dias subia até a superfície do mar para poder observar os seres humanos e o que eles faziam.

Até que um belo dia, ela avistou um príncipe lindo e encantador, e se apaixonou por ele, porém o príncipe já estava prometido a outra princesa, muito triste Ariel voltou ao fundo do mar, pois sabia que seu amor era

impossível afinal ela era uma sereia e não tinha pernas, não poderia viver na terra e ele um humano, não possuía caldas e não poderia viver no fundo do mar.

Ao propor esse tipo de história, a professora proporciona aos alunos o contato com diversos personagens, muitas vezes, não tão comuns, como é o caso da sereia. Conforme a docente ia contando a narrativa, os alunos a questionavam sobre a possibilidade de, realmente, existir uma sereia. Além disso, os alunos queriam conhecer pessoalmente a sereia. Isso mostra como a seleção das histórias na SD é importante, pois desperta inúmeras interpretações e reações por parte das crianças.

O olhar do pesquisador pode perceber, ainda, que diante de tantos questionamentos sobre a existência da sereia, a professora regente, contadora da história, disse que a sereia morava no mar e que era longe do nosso estado, mas que era possível conhecê-la através de livros, ouvindo histórias e até mesmo em filmes. Essa atitude da professora faz relação, dentre outros parâmetros, que com os postulados de Freire (1996) quando reitera a ideia de que é importante, na “leitura de mundo” que desperte a curiosidade e o universo da imaginação da criança, por aquilo que é, num primeiro momento fictício, mas que, em determinado momento, torna-se muito próximo da realidade das crianças, a ponto de quererem conhecer com, por exemplo, a sereia.

De volta aos castelos, hoje foi o dia das crianças ouvirem o conto da Rapunzel e suas longas tranças, quando a professora pega seu livro de contação de histórias as crianças já começam a sentar-se no chão pois sabe que chegou a hora de ouvir mais um conto, e para comparar com a Rapunzel ela pegou uma de suas alunas que possui um longo cabelo, e começou a relatar que Rapunzel era uma linda princesa de cabelos longos que vivia aprisionada em um topo de castelo e a única maneira de chegar até ela era somente por suas longas tranças que era utilizada como escada.

Numa comparação com a realidade, a professora perguntou aos alunos se realmente um cabelo cresceria tanto para ser utilizado como uma escada, tal indagação foi engraçada para os alunos, pois alguns ficaram em dúvida se isso realmente seria possível. Essa reflexão nos mostra que as crianças, apesar de

muitas vezes a realidade ser diferente, elas ainda podem sonhar e criar em sua imaginação a história que quiser. E nessa SD a professora pensou nesses questionamentos, como forma de projetar e despertar a curiosidade dos alunos.

Na continuidade da arte de contar histórias no âmbito escolar, dentro da SD, a professora regente levou para os alunos um dos contos mais conhecidos pelas crianças: A Branca de Neve e os sete anões. Essa história é riquíssima em detalhes, cores e imagens e personagens. Além disso, a narrativa relata sobre uma rainha que se achava a mais linda de todas, e quando surgiu Branca de Neve ela ficou furiosa, pois seu espelho sempre lhe mostrava Branca de neve como a mais linda de todas.

A maçã envenenada é um dos símbolos que a professora utilizou para chamar a atenção dos alunos em relação ao conto, e que por meio dessa fruta foi que a bruxa má, conseguiu fazer com que branca de neve caísse em um sono profundo.

Após a contação de histórias, por meio da oralidade, a professora decidiu passar o desenho da Branca de Neve e os sete anões. No desenho há, músicas e os animais interagindo uns com os outros, também o desenho faz com que a criança depois de imaginar aqueles personagens em sua memória também pode visualizá-los. Essa complementação de contação de história e filme foi uma atividade bem interessante, pois dá aos alunos a possibilidade de ampliar seu universo imaginário e comparar a história contada pela professora *versus* a história narrada através do desenho-filme.

Prosseguindo pelos caminhos das histórias, outra narrativa selecionada pela professora regente foi o conto denominado “O Patinho Feio”. A história ressalta que havia uma pata que tinha seis patinhos lindos, quando seu último ovo terminou de chocar e o patinho saiu da casca, todos se espantaram com sua feiura e o rejeitaram, pois ele era muito feio para andar com eles.

O patinho feio ficou muito triste e se escondeu, quando o inverno acabou ele saiu do meio das folhas e todos espantados o admiraram, pois o patinho feio tinha se transformado em um belo cisne branco.

A história trouxe para as crianças um ensinamento muito importante, com certeza, alguns alunos se identificaram com o patinho feio pela sua

história. Desse modo, a professora usou a história do patinho feio para mostrar aos seus alunos que não podemos julgar as pessoas pela aparência, porque todos nós temos uma beleza diferente e que nem sempre podemos agradar a todos.

Outro conto que também agregou muito em sala de aula foi a narrativa intitulada de “As roupas novas do imperador”. A história fala sobre um imperador que gostava de ter somente roupas novas, ou seja, tudo do bom e do melhor, quanto mais lindas e novas as roupas, mais ele gostava.

Certo dia apareceu no reino dois vigaristas, ambos falaram ao imperador que eles sabiam fazer uma roupa mágica, em que somente os inteligentes poderiam ver. Diante dessa atitude, o rei se, admirou e pediu para que fosse confeccionada uma roupa dessas para o grande desfile que haveria em seu reino, muito dinheiro foi gasto na elaboração da roupa nova.

O grande dia do desfile chegou, e por onde o rei passava, era motivo de risos, visto que ninguém conseguia enxergar suas roupas. A vaidade em excesso do imperador fez com que ele passasse vergonha. Desse modo, a lição da história é a de que a humildade ainda é o melhor caminho a se seguir.

Como essa história, não era conhecida pelos alunos a professora, mostrava as ilustrações do livro o que permitiu aos alunos uma melhor percepção do que estava ocorrendo com o rei e como eram os personagens que o cercavam.

Logo após a história ser contada houve um debate do que cada um conseguiu entender daquele conto, cada um falou a sua maneira, a professora esclareceu alguns pontos da história que os alunos não conseguiram entender.

Outro conto que também fez parte da SD sobre contação de histórias foi à história chamada “A pequena vendedora de fósforos”. Essa narrativa fala de uma menina que, em véspera de ano novo, estava vendendo fósforos, numa noite muito fria onde todos estavam em suas casas preparando suas ceias.

A menina, com muito frio, sentou-se entre duas casas e decidiu acender um fósforo para tentar se aquecer e ali ela foi queimando fósforo por fósforo. A cada chama acessa, ela imaginava coisas maravilhosas. A título de exemplificação, a pequena menina imaginava uma casa, uma família, uma véspera de ano novo perfeito e ela participando de tudo isso.

No decorrer da narrativa, os fósforos vão se acabando e em uma das suas visões, a pequena vendedora de fósforos visualiza, através da imaginação, sua vovozinha falecida. Em seguida, a menina pede para sua avó para levá-la junto dela. Em contrapartida, sua avó responde que quando acabasse a última chama de seus fósforos, elas estariam juntas para sempre, e foi assim que se sucederam os dias entre a pequena vendedora de fósforos e sua avó.

Na visão da pesquisadora da presente investigação, a professora, ao contar essa história, com um final triste e diferente dos outros contos, que até o momento foram narrados, ela nos mostra para seus alunos a possibilidade de compaixão pelas e/ou entre as pessoas. Além disso, valoriza tudo o que temos, pois um gesto de caridade pode transformar a vida das pessoas.

Em minhas observações, através de percepções e anotações no caderno de pesquisa, pude notar que o ato de contar histórias não é uma tarefa fácil, pois nós, como educadores, devemos saber escolher o que vamos narrar, porque todas as histórias contadas pela professora levaram até os seus alunos um conhecimento, uma mensagem, um contexto imaginário, por meio da fala, das figuras, dos desenhos, das relações, das analogias, dentre outros fatores que contribuem para o processo de ensino/aprendizagem na alfabetização.

Apesar de ainda serem muito pequenos, pude perceber também que eles têm o raciocínio muito rápido. Em outras palavras, a leitura perceptiva, de mundo ou da realidade, é muito presente, especificamente nessa sala a qual observei essa SD. Desse modo, os alunos conseguem interligar o real ao imaginário, o que é muito importante para a formação deles enquanto crianças, pois sabem que sonhos podem se tornar realidade basta querer. Assim, o ato de narrar e ouvir histórias auxilia de forma expressiva a criança no conhecimento de novos mundos e novas pessoas através de sua imaginação.

Considerações em Processo

O termo acima, considerações em processo, utilizado originalmente pelo meu orientador, professor mestre Jefferson Machado Barbosa, levou-me a utilizar por compreender que, não há considerações finais, mas em processo, pois compreendo que essas reflexões teóricas são construídas diariamente nas interações sociais. Além disso, essa investigação se soma a um conjunto de pesquisas sobre a importância da contação de histórias. Desse modo, as considerações tecidas aqui são momentâneas, assim, podem ser reconstruídas, refletidas e repensadas a todo o momento.

Através dessa pesquisa, pode-se verificar o quanto uma sequência didática é importante no processo de alfabetização, pois auxilia o professor a projetar e olhar a sua aula, o seu conteúdo. Além disso, nota-se como, ao longo, dos anos a contação de histórias foi ganhando formato diferente.

Nos 14 encontros que fui compreendido aqui como Sequência Didática sobre Contação de Histórias, pude perceber, dentre outros parâmetros, como é a realidade em sala de aula, especificamente numa escola pública de Ponta Porã/MS, turma jardim II, vespertino. Notei o quanto é importante a professora regente projetar uma aula, pensar no seu público e nos impactos que a contação de história pode proporcionar às crianças.

Em minhas observações, através de percepções e anotações no caderno de pesquisa, pude notar ainda que o ato de contar histórias não é uma tarefa fácil, pois nós, como educadores, devemos saber escolher o que vamos narrar, porque todas as histórias contadas pela professora levaram até os seus alunos um conhecimento, uma mensagem, um contexto imaginário, por meio da fala, das figuras, dos desenhos, das relações, das analogias, dentre outros fatores que contribuem para o processo de ensino/aprendizagem na alfabetização.

Portanto pode-se dizer que o ato de narrar histórias também é uma forma de aprendizagem significativa, pois o aluno é capaz de compreender que através das histórias torna-se possível fazer uma relação da realidade e do faz de conta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo. Scipione, 1997.
- BARBOSA, Jefferson Machado. **Olhares investigativos sobre a fronteira internacional de Aral Moreira/Brasil com o Departamento Santa Virgínia/Paraguai: um estudo de caso etnográfico.**/ Jefferson Machado Barbosa. – Dourados, MS: UFGD, 2015. 300p.
- _____. **Curandeirismo: Uma Abordagem Sociolinguística da Linguagem de Curandeiros Paraguios Radicados na Fronteira Meridional de Mato Grosso do Sul**. Dourados: UEMS, 2012. 75f. TCC: Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras). 138p.
- BRENMAN, Ilan. **Através da vidraça da escola: formando novos leitores**. 2ª ed. Belo Horizonte. Aletria 2012.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. Edição 10ª. São Paulo: Scipione, 2003.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: Teoria, análise didática**. 7ª edição. São Paulo, Moderna 2013.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: Teoria e prática** 6ª. São Paulo. Ática 1987.
- DOLZ, Joaquim. NOVERRAZ, Michèle. SCHNEUWLY, Bernard. **Sequências Didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento**. Disponível em: <<http://www.profdomingos.com.br/sequencias.pdf>> último acesso em 27/06/2016 às 15h.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. Edição 23ª. São Paulo: Cortez, 1996.
- JOSGRILBERT, Maria de Fátima Viegas. BOUFLEUR, Emne Mourad. **A Ação Docente na Fronteira entre dois Países frente à Multiculturalidade: Diversidade e Diferenças Culturais na Perspectiva do Processo Civilizatório**. Disponível em: <http://www.uel.br/grupoestudo/processoscivilizadores/portugues/sites/anais/anais14/arquivos/textos/Comunicacao_Oral/Trabalhos_Completos/Emne_e_Maria_de_Fatima.pdf> último acesso em 27/06/2016 às 16h.
- LAJOLO, Marisa. **Usos e abusos da literatura na escola**. Rio de Janeiro: Globo, 1982.
- MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. São Paulo: Summus, 1979.
- RODRIGUES, Edvânia Braz Teixeira. **Cultura, arte e contação de histórias**. Goiânia, 2005.
- ZILBERMAN Regina. **A literatura infantil na escola**. 11ª São Paulo, 2003.